

## CULTIVANDO SABERES: HORTAS FAMILIARES, SEGURANÇA ALIMENTAR E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PLANALTO SERRANO CATARINENSE

Amanda Farias Leão<sup>1</sup>

Nádia da Silva<sup>2</sup>

Natalia Camargo Rodrigues<sup>3</sup>

Nicole Orsi<sup>4</sup>

Zilma Isabel Peixer<sup>5</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o processo de implementação de propostas de Agricultura Urbana no município de Curitibanos/SC. A partir de 2013 o PET: Ciências Rurais (UFSC) inicia o projeto na perspectiva de duplicar a tecnologia social proposta pelo LECERA/CCA/UFSC, que tem como um de seus objetivos o incentivo a formação de hortas em espaços urbanos. O trabalho iniciou pelo bairro São Luiz em parceria com organizações da sociedade civil, entidades governamentais e religiosas, foi ampliado em 2016 com atividades na APAE/Curitibanos. Esse projeto pauta-se em experiências solidárias articulando práticas e incentivos a realização de hortas nas famílias e ações educativas através de hortas e jardins terapêuticos. Desta forma contribui para produção alimentar familiar, com inferências na educação alimentar e nutricional, bem como, delineando espaços culturais e interacionais entre os jovens e suas famílias. Enquanto resultado observa-se a contribuição para processos de inclusão social, saúde, qualidade de vida e cidadania, com a consequente valorização do conhecimento, saberes e fazeres na produção alimentar e nas práticas de economia solidária. É nesse sentido que muitas experiências envolvendo a construção de hortas comunitárias e de agricultura urbana são realizados.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana; Horta Comunitária; Soberania e Segurança Alimentar; Agroecologia.

## CULTIVATING KNOWLEDGE: HOME GARDEN, FOOD SECURITY AND EDUCATIONAL PRACTICES AT PLANALTO SERRANO CATARINENSE

**Abstract:** This article analyzes the process of implementation of Urban Agriculture proposals at the county of Curitibanos/SC. Since 2013 PET: Rural Sciences (UFSC) begins the project

---

<sup>1</sup> Cursando Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Bolsista PET: Ciências Rurais (MEC/FNDE). Email: manditawin@gmail.com.

<sup>2</sup> Cursando Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Bolsista PET: Ciências Rurais (MEC/FNDE). Email: nadia.nadianadiasilva@gmail.com.

<sup>3</sup> Cursando Agronomia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Bolsista extensão. Email: natili\_rodrigues@hotmail.com.

<sup>4</sup> Cursando Agronomia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Bolsista PET: Ciências Rurais (MEC/FNDE). Email: nicoleorsi11@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutora em Ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Email: zilma.isabel@ufsc.br.

expecting to duplicate the social technology proposed by LECERA/CCA/UFSC, which has as one of its objectives the encouragement of the formation of vegetable gardens in urban spaces. The work started at the neighborhood of São Luiz in partnership with civil society organizations, governmental and religious entities, and was expanded in 2016 with activities at APAE/Curitibanos. This project is based on solidarity experiences articulating practices and incentives for the realization of gardens with the families and educational actions through gardens and therapeutic gardens. In this way it contributes to family food production, with inferences in food and nutritional education, as well as, outlining cultural and interactional spaces between the youth and their families. As a result the contribution to processes of social inclusion, health, quality of life and citizenship is observed, with the consequent valorization of knowledge, wisdom and practices in food production and solidarity economic practices. It is in this sense that many experiences involving the construction of community gardens and urban agriculture are realized.

**Keywords:** Urban Agriculture; Community garden; Sovereignty and Food Security; Agroecology.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional - FBSSAN (2012) o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) está relacionado ao direito de todas as pessoas estarem livres da fome e de se alimentarem de forma saudável e adequada às suas culturas, com acesso de forma permanente e regular a alimentos e que estes sejam de qualidade. É nesse sentido que muitas experiências envolvendo a construção de hortas comunitárias e de agricultura urbana vem se constituindo nos últimos anos. Aliando práticas e saberes da agricultura familiar com grupos e pessoas que moram em áreas urbanas e sem acesso à terra para produção em escala comercializável, mas que podem produzir em pequena escala, garantindo parte de sua alimentação.

Em 2013 a UFSC/Curitibanos, através do Programa de Educação Tutorial: PET-Ciências Rurais iniciou um programa de incentivo às práticas de Agricultura Urbana. Baseado numa experiência desenvolvida na UFSC/Florianópolis pelo LECERA, o PET: Ciências Rurais articulou um programa semelhante no município de Curitibanos, tendo como objetivo, implementar hortas comunitárias e/ou familiares. Este artigo apresenta e discute essa experiência do PET, na implantação de uma horta comunitária na periferia urbana, em uma comunidade economicamente fragilizada do município de Curitibanos (SC) e também a ampliação do projeto e vinculação com a Instituição APAE de Curitibanos (SC).

No item Agricultura urbana e desenvolvimento de tecnologias sociais apresenta-se os princípios que articulam as experiências de agricultura urbana e tecnologias sociais; no item

seguinte, apresenta-se a experiência de implementação no Bairro São Luiz; Já no item Hortas familiares e Jardins Sensoriais: a parceria com a APAE/Curitiba, apresenta-se a ampliação do projeto com a Associação e os desdobramentos com a criação de jardim sensorial. Finalizando com os principais resultados e perspectivas das atividades de agricultura urbana, cultivando saberes através de hortas familiares/urbanas e práticas educativas na região.

## **2 AGRICULTURA URBANA E DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS SOCIAIS**

Alimentos saudáveis e seguros, em quantidade suficiente, economicamente viáveis, ambientalmente e socialmente justo, com custo baixo para as famílias consumidoras e rentáveis para as famílias produtoras, esses são alguns dos desafios para garantir a alimentação humana na contemporaneidade. Segundo o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) está relacionado ao direito de todas as pessoas estarem livres da fome e de se alimentarem de forma saudável e adequada às suas culturas, com o acesso de forma permanente e regular aos alimentos de qualidade (FBSSAN, 2017). É nesse sentido que muitas experiências envolvendo a construção de hortas comunitárias e de agricultura urbana (AU) são realizados. Aliando práticas e saberes da agricultura familiar com grupos e pessoas que moram em áreas urbanas e sem acesso à terra para produção em escala comercializável, mas que podem produzir em pequena escala, garantindo parte de sua alimentação.

Conforme destacado pela FAO no documento Cidades Verdes: A horticultura urbana e periurbana ajuda as cidades em desenvolvimento a enfrentar esses desafios. “Primeiro, contribui para o fornecimento de produtos frescos, nutritivos e disponíveis o ano todo. Segundo, melhora o acesso econômico dos pobres aos alimentos quando a produção familiar de frutas e hortaliças reduz os gastos com alimentos e quando os produtores obtêm renda com as vendas” (2012, p. 8) E também é importante destacar nesse processo a diminuição dos custos ambientais com a produção e comercialização, além de contribuir com a diminuição das longas cadeias de distribuição alimentar, reduzindo o impacto na pegada ecológica.

O incentivo, a práticas de agricultura urbana integram o rol de tecnologias sociais (TS). O conceito de tecnologias sociais utilizado no Brasil é amplo e diverso, até mesmo contrastante, como salienta Dagnino (2009) podendo abranger "desde os que entendem a TS como um elemento das propostas de Responsabilidade Social Empresarial até os que têm

como objetivo a construção de uma sociedade socialista" (2009, p. 9). Nessa visão abrangente compreende o desenvolvimento, de produtos, técnicas, processos e metodologias que permitam contribuir para a resolução de problemas vivenciados nas comunidades, perpassando conceitos de sustentabilidade ambiental e social. Uma das definições mais usuais é a proposta pela "rede de tecnologia social" que a define como "produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social" (DAGNINO, 2009).

Nesse contexto inserem-se atividades de promoção a agricultura urbana e ou hortas urbanas, que apresentam uma diversidade de formas e escalas, podendo ser unifamiliares ou plurifamiliares. No desenvolvimento dessas tecnologias sociais voltadas a implementação de hortas urbanas, podemos destacar: cultivo com fins comerciais e o cultivo voltado prioritariamente para o autoconsumo. Ambas são importantes no delineamento de estratégias de vida das populações locais e no desenvolvimento de estratégias de acesso a alimentação saudável.

O incentivo ao Programa de Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) é recente no Brasil, durante a existência do Ministério do Desenvolvimento Social (2004–2016), um de seus objetivos era incentivar os poderes públicos municipais no desenvolvimento de experiências de agricultura urbana e periurbana, constituindo-se diversas experiências de AUP articuladas com práticas de economia solidária. Nessas experiências, articulam-se poderes públicos, universidades e outras entidades. É nesse contexto que se insere a ação do Laboratório de Educação do Campo e Estudos da Reforma Agrária (LECERA). O grupo foi fundado em 2006, no Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no município de Florianópolis (SC). Promove ações de ensino, pesquisa e extensão, principalmente voltado a conhecimentos científicos direcionado a populações em vulnerabilidade social. Entre essas ações desenvolve programas de incentivo a Agricultura Urbana, articulando ações para o desenvolvimento dessa tecnologia social. Em 2013 essa proposta de tecnologia social, iniciada pelo LECERA passou a ser replicada no município de Curitiba (SC), por intermédio do PET: Ciências Rurais.

Os Programas de Educação Tutorial - PET foram criados em 1979 pelo Governo Federal, através da CAPES, sendo posteriormente em 1999, integrado ao MEC. Nesse período chamava-se Programa Especial de Treinamento, somente em 2004 passou a denominar-se Programa de Educação Tutorial (MEC, 2006). O PET tem como objetivo apoiar acadêmicos de instituições de ensino superior, com tutoria de docentes, baseando-se na tríade ensino,

pesquisa e extensão. Na Universidade Federal de Santa Catarina, Campus de Curitibanos o PET: Ciências Rurais, foi fundado no ano de 2010, atuando com enfoque na Agroecologia.

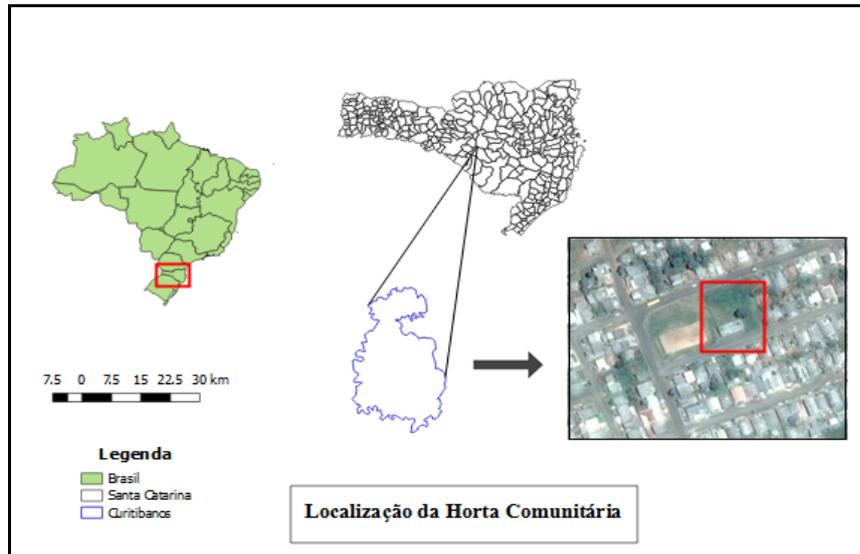
A partir de 2013, o PET: Ciências Rurais inicia uma linha de atuação voltada ao desenvolvimento de hortas comunitárias, buscando expandir a tecnologia social proposta pelo LECERA. Mediante articulação entre o Poder Público Municipal, a Universidade, instituições locais, tais quais Associações de Bairro, Cáritas e APAE, visando sensibilizar e colaborar no planejamento da criação de hortas comunitárias, abrangendo famílias residentes em áreas fragilizadas na área urbana, nessa experiência iremos relatar no próximo item.

### **3 A HORTA COMUNITÁRIA NO BAIRRO SÃO LUIZ**

A partir de 2013, na perspectiva de duplicar e fortalecer a tecnologia social, a equipe PET insere-se em ações sociais, através da implantação de uma horta comunitária no bairro São Luiz (Curitibanos/SC), o qual se caracteriza por apresentar significativa vulnerabilidade socioeconômica. As estratégias de desenvolvimento baseiam-se nos preceitos da agroecologia, envolvendo a comunidade por intermédio da atuação da equipe PET: Ciências Rurais e de outros estudantes e professores que participam do projeto. A atividade iniciou através de articulações e formação de parceria com a prefeitura municipal, grupos organizados no bairro, entre eles o grupo de mulheres e outras entidades com atuação no bairro. Foi escolhido e disponibilizado parcialmente pela prefeitura uma área pública existente no bairro.

O terreno em que a horta foi instalada localiza-se em espaço em que anteriormente funcionava um posto de saúde. Esse posto que já estava desativado há três anos, estava com a construção física em total abandono e sem possibilidade de uso. A parte que foi cedida para realização da horta fica nos fundos da construção existente. Na figura 1 podemos observar a localização do município de Curitibanos e da horta no bairro.

**Figura 1** — Localização da horta comunitária no bairro São Luiz – Curitiba



Fonte: Autores, 2017.

Com relação ao espaço, é importante observar que esse era um espaço de disputa na localidade, de uma área pública com benfeitorias de uso comunitário (posto de saúde e sala para reunião de grupos de mulheres), foi abandonada com o fechamento do posto de saúde, não sendo mais utilizada pelo poder público e nem abrigando atividades comunitárias. Transforma-se numa área depredada e de uso por grupos marginalizados na comunidade, entre eles usuários de droga. Na figura 2 podemos observar esse espaço.

**Figura 2** — Imóvel abandonado que abrigava o posto de saúde no bairro.



Fonte: PET- Ciências Rurais 2014.

Nos dois primeiros anos, transcorreu o planejamento das atividades, articulação para cedência do espaço, organização e preparação da horta e iniciativas com intuito de sensibilizar a comunidade. Neste período, efetuaram-se ações abertas ao público objetivando estimular o envolvimento da comunidade no projeto, para tal, a equipe realizou diversas oficinas preparatórias, incentivando a troca de saberes entre a universidade e a comunidade.

Além de atividades práticas no espaço, realizou-se a distribuição de mudas, eventos e apresentações divulgando as atividades do projeto. Ademais, nestas ocasiões, buscou-se compreender as necessidades e carências vivenciadas pela população local. Durante o desenvolvimento das atividades, com desempenho prático de encontros e mutirões, foi possível preparar o terreno, criar os canteiros, plantar mudas, fazer a limpeza periódica e controle de espécies invasoras e pragas potenciais, além da irrigação e colheita dos cultivos (Figura 3). Com isto, foram cultivadas uma vasta diversidade de hortaliças de interesse dos participantes, sendo que os produtos gerados na horta comunitária, posteriormente a sua colheita, realizada por integrantes da equipe PET, eram distribuídos entre o grupo da comunidade presente nas ações coletivas efetuadas.

**Figura 3** — Equipe do PET e Comunidade envolvidos nas atividades da horta comunitária no bairro São Luiz - Curitibaanos (SC).



Fonte: PET- Ciências Rurais 2013-2015.

Assegurando que não se utilizasse agrotóxicos na horta, o plantio das espécies sucedeu apenas com materiais orgânicos e adubo verde, utilizando de biofertilizantes e compostos produzidos nas oficinas.

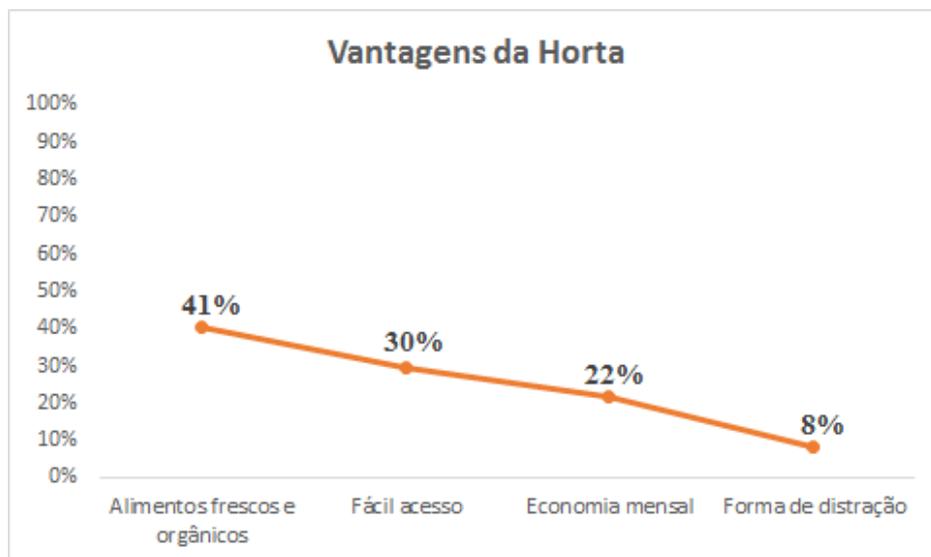
A fim de identificar as percepções da comunidade sobre o projeto, foi realizado no bairro um levantamento de opinião com 37 moradores, aos entrevistados foi questionado sobre experiências com cultivo de plantas e também questões sobre a horta comunitária. Na entrevista os moradores foram questionados sobre a existência de hortas em suas casas, das vantagens que eles viam em ter uma horta e das dificuldades da manutenção e manuseio das mesmas.

Foi questionado, se os moradores conheciam a horta comunitária no bairro São Luiz, e a maioria destes, cerca de 65% conhecem o projeto e 35% não. Ao perguntar se os moradores teriam interesse em participar do projeto, 22 responderam que sim, 13 que não e apenas 1 deixou nula a resposta. Indagou-se também sobre a opinião de a horta ser importante, cerca de 92% responderam favorável a esta, 5% que não, e 3% apresentaram resposta nula.

Dos entrevistados, 57% possuíam horta em seu domicílio, os demais 43% não. Com relação, aos que não tinham horta em casa, abordou-se quais as principais dificuldades para tal, sendo: a falta de espaço considerado o principal obstáculo para 27% dos entrevistados, seguido das dificuldades inerentes ao cultivo (24%) e a dificuldade em reservar um tempo para cuidar das plantas (11%).

A partir das respostas dos entrevistados, percebemos que quem não participava da horta, sabia da existência da mesma, os que não participavam do projeto alegaram não possuir tempo ou já tinham suas próprias hortas em casa, não tendo assim interesse em participar de um projeto coletivo. Alguns moradores também mencionaram que a escolha do local para a horta comunitária não tinha sido das mais adequadas, pelo histórico de violência no local. Porém, a maioria dos entrevistados participantes ou não, conhecedores ou não do projeto consideravam que a principal vantagem das hortas é a produção de alimentos orgânicos. Além disso, a horta torna-se interessante, devido a facilidade de adquirir os alimentos quando a fonte é no quintal ou em horta comunitária e ainda por acrescentar para a economia mensal das famílias (Figura 4).

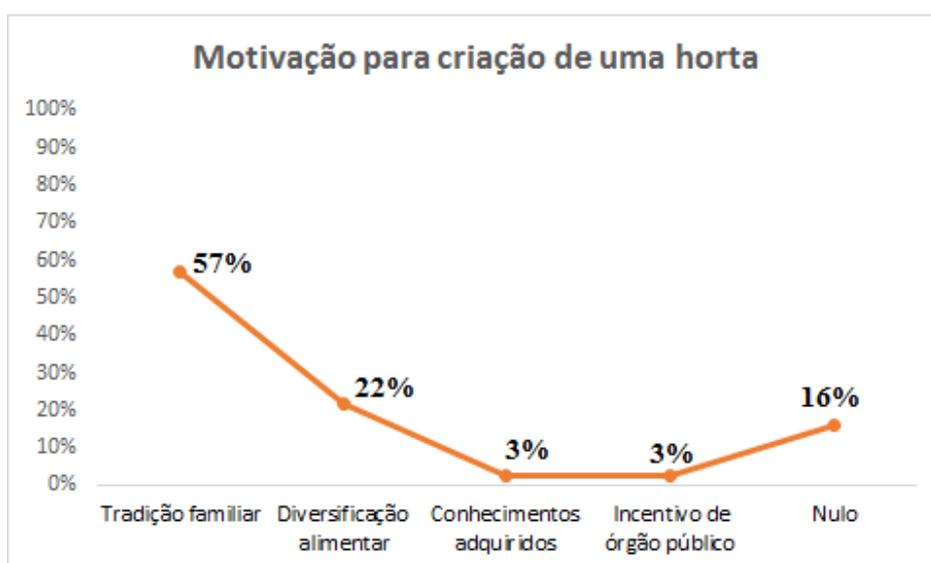
**Figura 4** — Questionamento acerca das vantagens da horta, perante a comunidade.



Fonte: Autores, 2016.

Observa-se ainda que existe uma resistência, por uma parcela da comunidade local, em interagir e expor suas opiniões, o que pode ser verificado em alguns dos dados da entrevista. Acerca da motivação para a criação de uma horta em seus domicílios, nota-se que a maior porcentagem dos entrevistados (57%) indicam ser uma tradição familiar, das gerações, cultivar hortas, enquanto que a diversificação alimentar (22%) se fez presente como sendo estímulo para tal (Figura 5).

**Figura 5** — Indagação sobre a motivação dos moradores para o estabelecimento de uma horta.



Fonte: Autores, 2016.

O projeto de atuação na comunidade teve diversas fases, quando consideramos a participação da população, houve um grupo de 10 mulheres que assumiram o projeto e contribuíram conforme suas possibilidades (idade, condições físicas, cuidados familiares, doenças na família), momentos de grande participação de outras pessoas da localidade e outros de redução. Esses momentos refletem além de questões individuais, ocasiões de tensão na comunidade, de disputa do local (com queima de pneus na horta, depredação dos cultivos, intimidação das pessoas que cuidavam cotidianamente da horta e contínua depredação do imóvel existente no local), de tempos diferenciados de ação das instituições (prefeitura, universidade e outros) e acompanhamento da equipe.

Uma das grandes dificuldades sentidas pelas pessoas da comunidade que assumiram o projeto da horta era a relativa insegurança do espaço onde estava a horta, houve episódios de vandalismo e disputa pelo uso do local. Em termos de apoio público, havia também uma incerteza sobre o uso do espaço, com destinos e projetos simultâneos iniciados pela prefeitura, com tentativas de doação ou cessão de uso da edificação presente no local para entidades assistenciais do município ou ainda, proposta de direcionamento do espaço para construção de casas populares. Essas incertezas e disputas contribuíram para fragilizar a existência da horta nesse espaço.

Houve, nesse sentido, uma nova proposta de mudar a horta comunitária, usando agora um espaço vinculado a entidade religiosa Cáritas, que disponibilizou terreno com espaço para o grupo de mulheres realizarem a horta no local. E assim, após articulações através de rodas de conversa e oficinas, determinou-se pelo grupo a criação de nova horta, no espaço do Cáritas, contando com apoio de outras instituições. Essa horta permanece até os dias atuais, sendo mantida pelo grupo de mulheres em parceria com trabalho voluntário de grupos de jovens de uma associação local que realiza o trabalho contínuo com a horta. Nesse momento encerra-se a atuação principal do grupo PET no Bairro, cumprindo com o objetivo inicial de incentivar a formação de hortas comunitárias, direcionando a atividade no local para o desenvolvimento de horta medicinal com as mulheres que participaram desde o início do projeto.

#### **4 HORTAS FAMILIARES E JARDINS SENSORIAIS: A PARCERIA COM A APAE/CURITIBANOS**

No ano de 2016, o projeto da Agricultura Urbana teve sua atuação ampliada com à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, de Curitiba, em uma nova experiência articulando práticas e incentivos à prática da agricultura no espaço urbano e mecanismos educativos através de hortas e jardins terapêuticos, visando desenvolver práticas de agricultura urbana junto a famílias cujos filhos estudam na APAE, construindo espaços de produção alimentar, delineando espaços eco culturais interacionais entre os jovens e suas famílias e contribuindo para a educação alimentar e nutricional, a partir do consumo e da produção de alimentos em hortas domésticas com bases agroecológicas.

Junto com a equipe profissional da APAE ficou definido a realização de projeto piloto com dez famílias, cujos filhos são alunos na APAE. O critério de participação envolveu interesse e disponibilidade por parte das famílias. Definidas as famílias, iniciou-se o projeto A elaboração e manutenção das hortas, tiveram auxílio e orientação de alunos de graduação dos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Catarina, que fazem parte do projeto da Agricultura Urbana ou que integram o Programa de Educação de Tutorial (PET).

Há caráter diversificado que permeia a presente proposta, tanto no âmbito escolar quanto no comunitário, uma vez que o tema vai além da discussão produtiva. Há assuntos igualmente importantes que também são tratados como saúde, cultura, educação ambiental, segurança alimentar e nutricional, planejamento urbano, gestão dos resíduos sólidos, organização social comunitária, geração de emprego e renda, economia doméstica, entre muitos outros.

As visitas às famílias eram realizadas periodicamente, em intervalos de tempo acordados entre as famílias e os alunos participantes do projeto. Foram realizadas oficinas com as famílias, com apresentação de exemplos de hortas domésticas, compostagem, de elaboração de hortas, entre outras questões, permitindo diálogos com as famílias. Na figura 6 podemos observar um desses momentos.

**Figura 6** — Encontro e oficina com algumas das famílias da APAE.



Fonte: PET- Ciências Rurais, 2016.

Posteriormente, grupos alternados de participantes do projeto da Agricultura Urbana e de integrantes do grupo PET realizaram visitas às casas das famílias selecionadas, para apresentação do planejamento e objetivo do projeto, análise do espaço de inserção das hortas e definição das estratégias de realização da horta com a família. Durante o ano as famílias receberam os participantes do projeto em suas casas, os quais forneceram suporte ao longo do processo de introdução e manutenção da horta, esclarecendo dúvidas em relação a processos como preparo do solo, plantio de mudas e sementes, colheita, rotação de culturas, controle de pragas e doenças por métodos agroecológicos e os cuidados básicos ao longo do desenvolvimento e maturação das plantas.

Além das atividades com as famílias, foi realizado um minicurso sobre como realizar atividades com pessoas com deficiência e quais são suas maiores dificuldades, que foi ministrado pelos técnicos administrativos, assistentes sociais, psicólogos e fisioterapeutas da APAE, onde todos os integrantes do grupo PET - Ciências Rurais e as bolsistas do projeto se fizeram presente (Figura 7). Na figura 7 podemos observar alguns desses momentos de trabalho e de oficina realizados pelo grupo.

**Figura 7** — Momentos do projeto.



Fonte: PET - Ciências Rurais, 2016.

Em um ano de trabalho com a APAE articula-se uma nova etapa e novo desafio, implementar além das hortas familiares, um jardim sensorial na instituição APAE. Desta forma entre as hortas e o jardim, estimular espaços educacionais e eco interacionais. Entrelaça-se uma perspectiva de construções hortas e de jardins terapêutico como espaços socio-educativos, que intensificam práticas e vivências educativas.

A criação de jardins ou espaços de contato com a natureza, tem auxiliado em sistemas de tratamentos e cuidados com a saúde. Este, já foi utilizado de diversas formas pelas sociedades humanas em seus sistemas de cura. Jardins terapêuticos, jardins sensoriais, jardins de cura, jardins de saúde são espaços criados para auxiliarem no tratamento dos seres humanos (DOOBERT, 2010; GORSKI, 2012).

A oportunidade de contato na escola (APAE) com jardim sensorial, no qual, as crianças e jovens poderão ter contato e interagir com o ecossistema local e também de participar de atividades de plantio e cuidado com as plantas. Nesses espaços destacam-se propositalmente as plantas de colorações atrativas, aromas e texturas diversas, o contato com a terra, com os animais, com o rico sistema ambiental (animais e sons diversos), o cuidado com a terra, com as plantas, propiciando espaços educativos e instigando os cinco sentidos: tato, paladar, audição, olfato e visão.

O uso desses espaços pressupõe a interação com o professor, com os colegas e demais participantes do projeto. E essa atividade projeta-se e amplia-se também para o espaço da

horta nas famílias. Além do espaço na escola a possibilidade de em casa acompanhar e participar com os demais integrantes da família dos cuidados com a horta, possibilita a criação de rotinas e pode contribuir para sua inserção em atividades familiares. Em ambos espaços estimulando sentidos, aprendizados e interação enfim estimulando diversos aspectos cognitivos e de autonomia da pessoa humana.

O incentivo a criação de hortas nas unidades familiares e do jardim terapêutico na unidade de ensino, contribui para processos de inclusão social, proposta educacional, processos terapêuticos (GORSKI, 2012; DOOBERT, 2010; MITRIONE; LARSON, 2007) e isto, possibilita uma melhoria nas práticas alimentares das famílias e conseqüentemente contribuindo assim para melhores condições de vida.

A proposta do trabalho com espaços interacionais, que articula o ambiente natural, com saberes e fazeres sobre produção alimentar, nutrição e intensificando práticas culturais, educacionais e ecológicas estrutura-se nas seguintes estratégias teórico/metodológicas, configurando-se uma interação entre jovens universitários, estudantes da APAE e suas famílias e profissionais da APAE e da UFSC/Curitibanos, sensibilizando e incentivando as famílias para estruturação de horta familiar (organização, plantio e cuidados), desenvolvendo estratégias e orientação para implementação de sistemas de compostagem domésticos adequados às famílias, contribuindo para a implantação de uma Mandala (sensorial) na APAE utilizando plantas com funções medicinais, alimentares, aromáticas e decorativas (visando sua utilização enquanto espaço eco cultural educativo possibilitando o desenvolvimento de práticas de estímulo sensorial).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De forma geral, os projetos da horta comunitária contribuem para a melhoria da qualidade alimentar, geração de trabalho e renda de forma direta e indireta, ocupação sustentável de solos urbanos, melhoria da qualidade de vida nas cidades, promoção do direito humano à alimentação adequada e o embelezamento das cidades. A horta permite trabalhar com valores éticos, sociais, ambientais e culturais, seja através do convívio entre as pessoas ou no próprio cultivo e cuidado com o solo. A atividade coletiva e solidária contribui para transformar a maneira das pessoas pensarem, valorizar o trabalho em equipe, a solidariedade, a cooperação, desenvolvendo a criatividade e a importância dos cuidados. Nesse sentido a agricultura urbana permite aliar práticas e saberes da agricultura familiar com grupos e

pessoas que moram em áreas urbanas e sem acesso à terra para produção em escala comercializável, mas que podem produzir em pequena escala, garantindo parte de sua alimentação. Com isto, além de agregar na qualidade alimentar, observa-se que esta prática possibilita uma significativa economia mensal, gerando a produção de alimentos no próprio quintal sem uso de agrotóxicos e de maneira sustentável.

Em suma, é através do diálogo e do desenvolvimento de práticas inovadoras que se constrói um mundo melhor. Projetos como esse, contribuem para a construção de sociedades mais sustentáveis. Com potencial de serem replicados e incorporadas na sociedade. Como ensina Boaventura Sousa Santos devemos observar "o potencial emancipatório da cultura social e política de grupos sociais cuja vida cotidiana é intensificada pela necessidade de transformar estratégias de sobrevivência em fontes de inovação, de criatividade, de transgressão e de subversão" (2008, p. 193), e isso podemos observar nas práticas de agricultura urbana, o seu potencial emancipatório e inovador.

O projeto está em andamento, entre o ir e vir amadurece a reflexão do grupo sobre a interação com a comunidade local, os dilemas e desafios cotidianos do fazer extensão como prática dialógica, que vai além dos meios utilizados para ação (no caso o plantio na horta). Os resultados demonstram a complexidade e a riqueza do trabalho comunitário e a importância da universidade estar inserida na comunidade. As perspectivas abertas com a ampliação do projeto na APAE é um novo momento, promovendo diálogos e reflexões sobre famílias e alimentação saudável como direito humano básico. E pelos caminhos do projeto articulam-se os diálogos e (re) produzem saberes e culturas de trabalhar a terra, de produzir alimentos, de preparar alimentos, configurando a riqueza das Agri-Culturas alimentares.

## **AGRADECIMENTOS**

Projeto desenvolvido com apoio MC/FNDE/CAPES; UFSC/Edital Pro Bolsas-extensão. Contou com a participação de moradores do bairro São Luiz, Cáritas, APAE, Prefeitura Municipal de Curitiba, PET: Ciências Rurais, UFSC-CBS.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 13, n. 16, p. 22-32, 2010.

AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Revista Ambiente & sociedade**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 137-150, 2007.

BRASIL, MEC. **Programa de Educação Tutorial - PET**: Manual de orientações básicas. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/Mv5Ehi>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN)**. Disponível em: <[www2.planalto.gov.br/consea](http://www2.planalto.gov.br/consea)>. Acesso em: 20 fev. 2013.

DAGNINO, R. P. **Tecnologia social**: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas/SP: IG/UNICAMP, 2009.

DOBBERT, L. Y. **Áreas verdes hospitalares – percepção e conforto**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. **Criar cidades mais verdes**. Itália. FAO. 2012.

\_\_\_\_\_. **Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional em América Latina y el Caribe**: una nueva agenda de políticas públicas para superar la crisis alimentaria. Oficina Regional para America Latina y el Caribe: FAO, 2009.

FBSSAN – Fórum Brasileiro de Soberania Alimentar e Nutricional. **Site oficial**. Disponível em <<https://fbssan.org.br>>. 2017.

FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADE PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/20120713PoliticaNacionaldeExtensao.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

FREDDI, S. M.; RODRIGUES, R. G.; RIBAS, C. E. D. C. Cidades produzindo alimentos: uma nova perspectiva para a Segurança e Soberania Alimentar no meio urbano. In: GARCÍA, M. D. D. et al. (Org.). **Soberanía alimentaria e agricultura ecológica Propostas de acción**. 1. ed. Vigo Espanha: Grupo de Investigación en Economía Ecológica e Agroecología, 2011, v. 1, p. 841-852.

GUIMARÃES, V. N.; HAMMES, A.; MUÑOZ, E.; SEVERO, L.; BERNARD, R. Parcerias interinstitucionais e o papel social das universidades públicas. In: QUARTIERO, E. M.; BIANCHETTI, L. (Org.) **Educação Corporativa**: aproximações. São Paulo: Cortez, 2005.

MENDONÇA, M. M. Semeando Agroecologia nas cidades. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2012.

MITRIONE, S.; LARSON, J. Healing by Design: Healing Gardens and Therapeutic Landscapes. **InformeDesign**, v. 2, n. 10, 2007.

MOUGEOT, L. J. A. Urban agriculture: definition, presence, potential and risks. In: BAKKER, N. et al. (Org), **Growing cities, growing food: urban agriculture on the policy agenda**. Feldafig: DSE, 2000.

PET: Ciências Rurais. **Cartilha de Agricultura Urbana**. UFSC/Curitibanos (FNDE/CAPES). 2015.

SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**: Identificação e caracterização de iniciativas de AUP em Regiões Metropolitanas Brasileiras. DOCUMENTO REFERENCIAL GERAL: Versão Final. Belo Horizonte, 2007, 89p.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

*Recebido em 09 de junho de 2017 e aceito em 11 de junho de 2017.*